

## **TEXTOS JORNALÍSTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: PROPOSTA DE ATIVIDADE COM ELEMENTOS COESIVOS**

**Tatiany Oleques Lukrafka (Autora)**  
**Gabriel de Ávila Othero (Orientador)**

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo explorar textos jornalísticos para o ensino de língua portuguesa, com o intuito de ampliar seus usos em sala de aula para além das comuns exposições sobre gêneros textuais. Por acreditar que certas características da redação jornalística contribuem para a abordagem de várias temáticas, este trabalho busca despertar a atenção dos docentes sobre o assunto e sugerir alguns tópicos para os quais notícias e reportagens podem ser aproveitadas para o ensino de língua. Como forma de demonstrar o emprego desse tipo de material, ao final, propõe-se uma atividade com elementos coesivos.

**Palavras-chave:** ensino de Língua Portuguesa, jornalismo, coesão textual.

### **Introdução**

Embora ainda haja muito a descobrir nos campos da Linguística e da Comunicação Social, especialistas de ambas as áreas reconhecem que Letras e Jornalismo estão intimamente conectados. Essa ligação se deve ao fato de este último ter, como basilar instrumento de trabalho, a palavra. Por essa razão, o jornalismo tira proveito do conhecimento construído nas Letras e a partir dele forma preciosa parte de seu saber. A apropriação tem início nas reflexões teóricas e se estende às regras gramaticais: para um jornalista comunicar, precisa, por exemplo, além de escrever conforme a norma padrão, compreender as funções da linguagem descritas por Jakobson, conhecido linguista.

Por outro lado, algo mais pode ser dito sobre essa relação: ao longo da história da língua portuguesa no Brasil, vários escritores atuaram, paralelamente, como jornalistas. Euclides da Cunha, célebre por *Os Sertões*, publicou seu relato sobre a Guerra de Canudos em

uma série de reportagens n’*O Estado de São Paulo*, antes de reunir a história toda em livro. Assim como ele, Clarice Lispector, Fernando Sabino, João Ubaldo Ribeiro, Machado de Assis, Luis Fernando Verissimo e Nelson Rodrigues, entre outros, escreviam para jornais. Uns tendiam mais ao texto literário, outros mais ao jornalístico, ressalva seja feita, mas todos esses personagens ajudam a ilustrar a proximidade entre os campos de Jornalismo e de Letras.

Por tanto utilizar-se do saber da área irmã, o Jornalismo merece poder oferecer a ela, no que diz respeito ao ensino, uma contribuição que vá além da costumeira abordagem de gêneros textuais, em aulas de língua portuguesa, quando é mencionado o gênero “notícia” ou “editorial” pelo professor. Por essa razão, propõe-se neste trabalho explorar as qualidades desses textos para o ensino: o que se supõe, por certas características que apresentam, ajudar os estudantes quanto ao entendimento de diversos conceitos linguísticos.

## **1 O texto jornalístico e o trabalho em sala de aula**

A ideia para este artigo surgiu quando, ao folhear livros didáticos recentes de língua portuguesa, percebeu-se que a maior parte dos exemplos empregados pelos autores era extraída de obras de escritores clássicos. E que, crendo ser o texto jornalístico bastante útil para a abordagem de certas temáticas, este geralmente aparecia nos capítulos destinados aos gêneros textuais. A possibilidade de indicar alguns caminhos possíveis para o aproveitamento de notícias/reportagens em sala de aula foi o que motivou a elaboração deste trabalho.

O texto básico do jornalismo é a notícia. O espaço do jornal é dedicado aos relatos sobre fatos novos ou desconhecidos, bem como aos registros de novos desdobramentos para os acontecimentos já noticiados. A primeira razão que demonstra a utilidade de relatos noticiosos para o ensino de língua portuguesa é que os textos informativos são aqueles – escritos – com que se tem mais contato no dia a dia<sup>1</sup>. O último levantamento da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*<sup>2</sup>, publicado em 2012, aponta que os materiais de leitura mais citados pelos entrevistados, quando questionados sobre o que gostam de fazer em seu tempo livre, são revistas (53%) e jornais (48%), respectivamente. Livros indicados pela escola

---

<sup>1</sup> É preciso deixar claro que não se quer aqui diminuir a importância do livro, nem substituí-lo por outros meios: a proposta é a de inserir no espaço escolar as demais práticas de leitura, de modo a refletir os tipos e suportes encontrados no ambiente social do estudante, com o objetivo de facilitar a aprendizagem de Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Dados publicados no site do Instituto Pró-Livro. Disponível em: <[http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf)>. Acesso em 18 dez. 2013.

aparecem em terceiro lugar, mencionados por 47% das pessoas (desse índice, 30% correspondem a didáticos e 17% a livros em geral). Também 47% citaram livros em geral, categoria que ocupa a quarta posição. Os dados se referem à população leitora, composta por indivíduos que, na entrevista, declararam ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses. Ou seja: até entre a parcela de “leitores”, que representa 50% do total de brasileiros, de acordo com o mesmo estudo, a preferência por textos informativos é maior.

### **1.1 Características dos textos informativos e suas contribuições para o ensino**

A saliência do gênero noticioso em relação ao literário no estudo mencionado suscita uma hipótese bastante relevante para este trabalho: a de que talvez as pessoas prefiram ler textos jornalísticos porque são mais fáceis de compreender. E a compreensão de um texto é condição necessária para que o professor proponha, por meio dele, discussões a respeito da língua, sejam elas sobre variação linguística, sintaxe, morfologia etc. E contribui com essa perspectiva o fato de o texto jornalístico assumir, desde seus estágios iniciais, um compromisso com quem o lê: para cumprir seu papel informativo, “precisa, em primeiro lugar, ser entendido pelo leitor, o que significa clareza na composição e na escolha de palavras” (NASCIMENTO, 2009, p. 73).

Assim, conforme Sousa (2001), a redação de jornal<sup>3</sup> se guia pela brevidade e pela clareza, por saber que, quanto mais longas são as frases, mais difícil é seu entendimento. Em relação a esses princípios, o autor português comenta:

Ser breve representa uma mais valia para o enunciado jornalístico. Deve evitar-se a prolixidade. Não se pode cair na irrelevância informativa. Devem evitar-se orações e parágrafos longos e confusos. Pelo contrário, devem preferir-se frases curtas, escritas na ordem direta (sujeito - predicado - complemento) [...]. Na sua construção, deve empregar-se um vocabulário simples (mas não simplório) e verbos fortes, escritos na voz ativa e, se possível, no presente do indicativo. (SOUSA, 2001, p.149)

A predominância da ordem direta em textos noticiosos, pontuada por Sousa (2001), é uma característica que possibilita a identificação, com maior facilidade, de sujeitos e de predicados, o que pode ajudar o educador a abordar esses conceitos em sala de aula. Um

---

<sup>3</sup> Regras que valem, de forma geral, a qualquer suporte que faça uso da escrita, seja impresso ou eletrônico (portais noticiosos). Neste trabalho, ambos são considerados indistintamente;

estudo<sup>4</sup> publicado na página *d'Observatório da Imprensa*, em 2007, feito a partir da análise de manchetes de jornais catarinenses, mostrou que mais de 80% dos títulos das notícias respeitam o uso da ordem direta, facilitando ao docente a tarefa de encontrar exemplos.

No sentido de explorar as características das notícias e reportagens para o ensino, também outro atributo colabora: o emprego reduzido de adjetivos nos textos, que ocorrem em menor quantidade porque são vistos pelos jornais como uma fuga à objetividade – utópica, mas ainda assim perseguida. No *Manual da Redação da Folha de São Paulo* (2006), os repórteres são aconselhados a evitarem esses termos, ressalva feita à utilização na escrita de opinião (editoriais, comentários, críticas e artigos). Ainda assim, a recomendação é usá-los “com sobriedade”.

Para o ensino, esse atributo é favorável à medida que torna menos complexo, aos alunos, apontar os sintagmas nominais. É claro que, para o pleno entendimento dessas estruturas, é necessário compreender também os elementos adjuntos e as relações estabelecidas entre eles, mas a simplicidade da redação noticiosa possibilita que ela seja utilizada em aulas introdutórias sobre o tema. Assim, aos poucos, o professor pode ir tornando a tarefa mais complicada para os estudantes, ao selecionar, aos poucos, construções mais elaboradas, dentre as quais as literárias.

Em relação à característica apresentada acima, pode-se esperar, em contrapartida, a crítica de que não é uma qualidade, mas um defeito, pois a escola deve preparar o aluno para o entendimento das mais complexas estruturas linguísticas. É clara a noção de que uma abordagem centrada unicamente em uma redação de menor complexidade – a jornalística – é prejudicial ao estudante: não é essa a ideia defendida neste trabalho. Sabe-se, no entanto, que o processo de construção do conhecimento parte do menos complexo para o mais complexo. E, assim sendo, o emprego dos textos jornalísticos, para iniciar a discussão sobre temas em LP, é bastante proveitoso. Desse modo, conforme a evolução da turma, podem ser introduzidos textos que apresentem construções mais elaboradas.

Situação semelhante ocorre com os advérbios, que têm recomendação de serem usados com moderação pelos repórteres e redatores. Esses elementos, no entanto, trazem consigo

---

<sup>4</sup> Coluna *Informação à primeira vista*, da seção *Directorio Acadêmico*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/informacao-a-primeira-vista>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

uma questão particularmente relevante: sua presença em um texto ajuda a revelar orientações sobre a linha editorial do veículo em que determinada notícia/reportagem foi publicada. O uso de “ainda”, ou “já”, por exemplo, apontam para um posicionamento do jornal em relação a determinado tema.

Exemplos:

- 1) Um grupo ambiental influente apresentou na quinta-feira nos Estados Unidos análise que sugere cortes *ainda* maiores de emissões de carbono que as que estão sendo consideradas pelo governo Obama (Folha de S. Paulo, 21 mar. 2014).
- 2) Subsídio a energia *já* atinge os R\$ 63 bi (Folha de S. Paulo, 16 mar. 2014).

Em uma leitura mais atenta dos trechos acima, é fácil indagar-se sobre o quanto o uso dos advérbios revela certo posicionamento do jornal em relação aos temas abordados nas matérias. No segundo caso isso é ainda mais evidente: fica claro que o jornal condena subsídios governamentais ao setor energético. Ressalva-se que os exemplos (1) e (2) são apenas ilustrativos: é óbvio que a análise descontextualizada de apenas um trecho de texto, ou de uma única reportagem, não será suficiente para que se tirem conclusões sobre a linha editorial de um veículo. No entanto, deve-se atentar para o fato de quão rica uma análise desse tipo se mostra aos estudantes. É um belo trabalho para se realizar em sala de aula: além de promover uma discussão sobre língua a partir de um texto presente no cotidiano, essa atividade desperta a atenção dos discentes sobre a suposta neutralidade da mídia. Assim, ao estimular a leitura crítica, a escola contribui para a construção da cidadania do aluno.

Outro tema em que o conteúdo dos veículos de comunicação pode ser explorado é o que se refere aos tempos verbais. Em jornal, recomenda-se o uso de presente do indicativo sempre que possível<sup>5</sup>, conselho seguido à risca por repórteres e editores na redação de títulos<sup>6</sup>, os quais constituem o carro-chefe da informação:

Um bom título acrescenta valor a uma peça jornalística. Na tradição jornalística dominante, os títulos devem ser informativos, sintetizando o núcleo duro da informação numa frase curta, forte e sedutora. Devem ter garra. Devem ser claros, concisos, precisos, atuais e verídicos. Lendo-se títulos assim redigidos, torna-se possível, de imediato, apreender a informação mais relevante que um jornal oferece. (SOUSA, 2001, p. 200)

---

<sup>5</sup> O presente do indicativo é o tempo mais usado em títulos. No corpo das notícias, é o pretérito perfeito.

<sup>6</sup> Após rápida consulta às capas de jornais de 24 de janeiro de 2014, nota-se que a ampla maioria traz construções com verbos no presente do indicativo. A título de exemplo, na mesma data, a Folha de S. Paulo, um dos veículos impressos mais importantes do país, segue a recomendação em todos os títulos que compõem a primeira página.

No título, o verbo tem função central e deve ser cuidadosamente escolhido. Sousa (2001) sugere o emprego de verbos fortes – que indiquem ação –, de preferência, na voz ativa e no presente. Conforme o *Manual de Redação d'O Estado de São Paulo* (1997), o verbo no título confere a ele impacto e expressividade; se estiver no presente, impõe força à construção textual.

Por apresentarem essa peculiaridade, os títulos de notícias se mostram bastante úteis para aulas sobre tempos verbais. O uso do presente pelo passado, e do presente pelo futuro, possibilita ao educador trabalhar as noções de momento de fala, de evento e de referência, identificados por Reichenbach (apud ILARI, 1997). A sistematização do filósofo e lógico Hans Reichenbach,

em primeiro lugar, fornece instruções para situar o “momento de evento”, isto é, para localizar no tempo a ação expressa pelo verbo. E esse é, intuitivamente, o objetivo último do uso dos tempos verbais. Em segundo lugar, ao levar sistematicamente em conta o “momento de fala”, confirma a intuição corrente de que o fundamento direto ou indireto da interpretação das formas verbais é a dêixis, isto é, a referência à própria situação de enunciação. (ILARI, 1997, p.14)

A utilização das manchetes para tratar sobre tempos traz ainda uma vantagem: a de evidenciar a diferenciação entre os tempos cronológico e linguístico, uma vez que o uso do presente, em jornalismo, não se refere a fatos que acontecem no momento da fala (ou, no caso, da publicação da notícia). Em outros termos: em uma análise tradicional de uso do presente do indicativo, o modelo de Reichenbach aponta que os três momentos (fala, evento e referência) ocupem todos a mesma posição no tempo. Essa condição, no entanto, não se verifica nas manchetes de jornal, dado que o uso do presente se refere a fatos já ocorridos.

É possível citar ainda outras temáticas que podem aproveitar notícias e reportagens para o trabalho em sala de aula, além da tradicional exposição sobre gêneros textuais, como alternância entre discurso direto e indireto (responsável por tornar o texto jornalístico mais dinâmico); conceito de tópico (que permite ao repórter enfatizar a parte mais importante da informação); relação entre uso de terceira pessoa e impessoalidade no texto (uma das marcas da fuga utópica da subjetividade em jornalismo); emprego e função de metáforas e comparações (comuns em matérias de saúde e ciência para explicar as recentes descobertas); tipos de texto (jornais utilizam com frequência exposição e descrição). Além disso, se a proposta é um debate sobre variação linguística, também é possível empregar textos

informativos, uma vez que buscam seguir as normas gramaticais, mas têm por objetivo a proximidade linguística com o leitor, empregando, desse modo, o registro coloquial, especialmente em se tratando de veículos de comunicação voltados para as classes D e E da população, como o jornal porto-alegrense Diário Gaúcho.

## **2 Coesão textual e jornalismo**

Os aspectos mencionados na seção anterior ajudam a demonstrar o quanto um texto jornalístico pode ser útil no ensino de língua portuguesa. Dando continuidade à exposição, neste item, serão listadas, em especial, algumas características que colaboram para a abordagem da coesão textual: o uso de operadores argumentativos e o mecanismo de coesão referencial, em especial nas retomadas (anáfora).

### **2.1 Conjunções e operadores argumentativos**

Conjunção, como ensina Almeida (2009), é toda a palavra que tem por função ligar orações, de duas formas: coordenando, ao conectar orações da mesma espécie, e subordinando, ao unir aquelas diferentes de espécie. No nível do texto, entretanto, esses termos agem como operadores argumentativos, constituindo-se em importante mecanismo de coesão textual. A coesão textual, segundo Koch (2010, p. 11) “diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”.

Ainda de acordo com Koch (2010), esses operadores respondem pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, de modo que cada um deles é resultado de um ato de fala distinto. Esses termos podem aparecer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto, exprimindo relações de conjunção, de disjunção, de contração de ideias; também de explicação, de comprovação, de conclusão, de comparação, entre outros.

O papel de operadores argumentativos é exercido não apenas por conjunções, mas por locuções conjuntivas, advérbios e locuções adverbiais; preposições e locuções prepositivas; itens continuativos como *então*, *daí* etc. O que os une é a propriedade de estabelecerem

relações entre as ideias. E é neste ponto em que se encontra a valiosa contribuição, para o trabalho em sala de aula, de uma abordagem que explora esses termos dentro da perspectiva da coesão textual: é possível fugir da exposição baseada nas classes gramaticais, tão comuns nos livros didáticos. Além disso, o estudo a partir das funções que tais elementos exercem no texto oferece ao aluno uma visão não-mecanizada dos processos de construção da linguagem.

O que vale, neste setor, é explorar os tipos de relações semânticas e que partes do texto elas põem em junção. Os exercícios, puros e simples, de classificação das orações muito pouco acrescentam à competência comunicativa do falante. Ao contrário, conhecer aquelas relações semânticas e sua função no estabelecimento da coesão do texto é de inteira significação para a atividade discursiva. (ANTUNES, 2007, p.49)

Aproveitar-se dessas possibilidades oportuniza ao estudante notar como existem diferentes maneiras de se alcançar o mesmo objetivo comunicativo, o que colabora para que a língua seja vista como algo “maleável, versátil, sujeita a efeitos especiais, por vontade do falante”, argumenta Antunes (2007, p. 50). Esse, aliás, é outro ponto a favor do jornalismo, que, embora empregue a linguagem com certa formalidade, muitas vezes foge às regras estabelecidas nas gramáticas. Mas essa já é outra discussão.

### 2.1.1 Ligando orações

Por evidenciarem as relações estabelecidas entre ideias, o uso dos operadores argumentativos é bastante comum em jornalismo, que se pauta pela clareza e pela inteligibilidade do texto. Ao ligar orações, os operadores atuam para a produção de dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, tomado como tema.

Exemplos:

- 1) Turbulência eleva dólar *e* faz bolsa despencar (Zero Hora, 04 fev. 2014).
- 2) Governo não explica causas do apagão, *mas* nega desabastecimento (Folha de S. Paulo, 04 fev. 2014).

Nos períodos acima, em (1), o operador *e* aponta a relação de conjunção existente entre as orações: ele liga enunciados que constituem argumentos para a mesma conclusão. Em (2), o *mas* indica a relação de contrajunção entre as orações: o conectivo contrapõe enunciados de orientações argumentativas diferentes.



### 2.1.2 Ligando períodos

Ao ligar períodos, os operadores estabelecem a continuidade da cadeia coesiva no texto, conectando as novas ideias às já expressas.

Exemplos:

- 1) Rodar estradas e olhar as paisagens. Voar rumo ao descanso. É difícil que algum contratempo estrague o prazer de viajar nas férias de verão. *Mas* fique atento se você é portador de doença cardíaca, tem varizes e não costuma dar aquela paradinha para esticar as pernas. A trombose pode ser a lembrança ruim de um de seus passeios (Zerohora.com, 08 fev. 2014).
- 2) Por meio de nota, a Sabesp informou “que o fato do sistema Cantareira estar abaixo dos 20% não altera as medidas operacionais. *Apesar de* ser o menor índice da história do sistema, a Companhia espera as chuvas previstas para a segunda quinzena de fevereiro”, disse a empresa (Folha Online, 08 fev. 2014).

No primeiro exemplo, o termo *mas* representa uma relação de contrajunção, através da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas distintas, *mas* prevalecendo aquela introduzida pelo operador *mas*. A contrajunção também ocorre no segundo item, com a diferença de que nesse caso, prevalece a orientação argumentativa do enunciado não introduzido pelo operador *apesar de*.

### 2.1.3 Ligando parágrafos

Entre parágrafos, as relações estabelecidas pelos operadores argumentativos são as mesmas que ocorrem entre orações e entre períodos: conforme Koch (2010), conjunção, disjunção argumentativa, contrajunção, explicação ou justificativa, comprovação, conclusão, comparação, generalização/extensão, especificação/exemplificação, contraste, correção/redefinição, entre outros.

Exemplos:

- 1) Uma grande nevasca que cai na região oriental do Japão desde o sábado provocou grandes problemas no transporte, entre eles acidentes que deixaram dez mortos e outros percalços que mataram uma pessoa e feriu outra gravemente.

*Além disso*, a tempestade causou cortes de luz que afetaram 48 mil lares na região que rodeia Tóquio, sendo que 26 mil delas continuam sem eletricidade, segundo a empresa Tokyo Electric Power. A capital japonesa viveu a maior nevasca em 20 anos, com 27 centímetros de neve acumulada (Estadão Online, 09 fev. 2014).

- 2) Pesquisa realizada entre os dias 6 e 9 de janeiro de 2014 apontou que o valor médio da mão de obra de encanador teve aumento de 3,9%, conforme comparativo com julho de 2013.

*Portanto*, a variação média do preço desse serviço, no mesmo período analisado, ficou acima do IPC-Fipe (Índice de Preços ao Consumidor do Município de São Paulo), que foi de 2,91% (Folha Online, 6 fev. 2014).

Em (1), a relação que se estabelece entre os parágrafos é de conjunção, efetuada pelo operador *além disso*, ligando enunciados que constituem argumentos para a mesma conclusão. Já em (2), o *portanto* introduz um enunciado de valor conclusivo em relação ao ato de fala imediatamente anterior – iniciado por “A pesquisa...” –, o qual contém as premissas que evidenciam esse valor.

## **2.2 Coesão referencial**

São vários os mecanismos de coesão que promovem as relações textuais. Um deles, que interessa particularmente a este trabalho, é a referenciação, construída a partir dos elementos de referência, “itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação” (Koch, 2010, p. 12).

A coesão referencial se realiza por meio de formas gramaticais e de formas lexicais. Quando essas formas retomam elementos dentro do próprio texto e aparecem posteriormente a eles, ocorre o que se chama de anáfora, “um fenômeno textual de referenciação e correferenciação, de ativação e reativação de referentes ao longo do texto” (OTHERO, 2003, p. 16). A anáfora é definida tradicionalmente como toda retomada de um elemento anterior em um texto e é muito comum em jornalismo: um vocabulário amplo enriquece a notícia, e uma antiga regra de estilo recomenda que não sejam repetidas palavras nas matérias.

### 2.2.1 Formas gramaticais

Uma das formas de retomada é a gramatical. A esse grupo correspondem os pronomes pessoais de 3ª pessoa; os pronomes demonstrativos; os pronomes possessivos; os pronomes relativos; alguns advérbios e locuções adverbiais; os artigos definidos e indefinidos; os numerais; a elipse. As formas gramaticais não proveem ao leitor/ouvinte instruções de sentido, apenas instruções de conexão, como por exemplo, a concordância de gênero e de número.

Exemplos:

- 1) Ex-diretor da Siemens agora é aliado da empresa que *ele* dizia violar a ética (Folha Online, 08 dez. 2013).
- 2) Cinegrafista ferido gravou *seu* primeiro protesto em junho passado (Folha Online, 08 fev. 2014).

Nos títulos acima, ocorre referência anafórica por uso de um pronome pessoal da 3ª pessoa, *ele*, no primeiro exemplo, e por meio de pronome possessivo, *seu*, em (2).

É importante destacar que as formas gramaticais tendem a ser menos usuais do que as lexicais em jornalismo, em razão de fornecerem ao leitor somente instruções de conexão. O jornal Estadão, no *Manual de Redação e Estilo* (1997), em relação aos pronomes do caso reto, registra a orientação de só empregá-los em situações específicas: principalmente, para dar ênfase ao sujeito e para distinguir os pronomes que tenham a mesma forma na 1ª e 3ª pessoa do singular (como em *eu disse*, *ele disse*). Nos demais casos, a orientação é explícita: “dispense o pronome reto, especialmente quando a desinência verbal deixar claro a quem se refere” (p. 241). A justificativa do veículo é a de que repetições de termos são desnecessárias e enfraquecem o texto.

No mesmo manual, recomendações semelhantes são feitas quanto ao emprego dos pronomes possessivos. São prescindíveis quando há redundância. Em relação à ambiguidade, há um item dedicado unicamente ao uso do pronome *seu*, que frequentemente dá origem a orações de duplo sentido – como em “Para o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, o ciclo lula-desenvolvimentista atingiu o *seu* limite” (Sul21, 23 jan. 2014), em que não é possível saber se o limite é do governador ou do ciclo.

Sobre os artigos, a tendência no jornalismo é suprimi-los nos títulos, sobretudo artigos definidos. Em relação aos indefinidos, o jornal Folha de S. Paulo, no *Manual de Redação* (2006), argumenta que são empregados inutilmente, e sugere ao jornalista verificar como fica a frase sem eles. “Se não fizer falta, elimine” (p.122), adverte o manual.

### 2.2.2 Formas lexicais

Essas são as formas mais importantes para a coesão referencial em textos noticiosos. Como já dito anteriormente, a prática jornalística repele a repetição, razão pela qual tais textos se valem da anáfora lexical com bastante frequência. Esse tipo de fenômeno ocorre, de acordo com Othero (2003), quando o processo de retomada se dá por meio de um substantivo que apresenta uma relação anafórica com seu referente ou correferente, como ocorre nesta sequência de título e subtítulo: “Família de *Fábio Porchat* recorre ao Congresso contra ameaças de morte. *Humorista* tem recebido mensagens de violência” (Zero Hora, 12 fev. 2014) – aqui o termo *humorista* retoma *Fábio Porchat*.

As formas remissivas lexicais, além de servirem como instruções de conexão, como concordância de gênero e de número, também proveem ao leitor instruções de sentido, “isto é, fazem referência a algo no mundo extralinguístico”, esclarece Koch (2010, p. 21). Essa é uma grande vantagem para o jornalismo, que, ao buscar oferecer a maior quantidade de informação no menor espaço possível, recorre rotineiramente a essas formas. Por isso, elas tendem a ser mais frequentes do que as gramaticais, apresentadas no subitem anterior.

A anáfora lexical pode ocorrer pelo uso de sinônimos, nomes genéricos, hiperônimos e hipônimos, expressões nominais definidas, nominalizações, entre outros. Nos trechos abaixo, é possível identificar o tipo de recurso empregado na redação jornalística para a retomada de referentes textuais.

Exemplos:

- 1) *Infraero* busca saída para rombo de R\$ 350 milhões. Proposta da *estatal* é ser ressarcida pelos serviços de navegação aérea por meio de recursos do Fundo Nacional de Aviação Civil (Estadão Online, 12 fev. 2014).

- 2) Marroquino, mas criado na França, *Cyrille* estava no Brasil havia dois anos. *O executivo*, que é vice- presidente financeiro da Helibras, ia para o escritório da empresa na região do Campo de Marte, na zona norte (Folha de S. Paulo, 12 fev. 2014).
- 3) *Médicos das Forças Armadas* poderão, a partir de agora, atuar em postos e hospitais civis e na rede privada. Uma emenda constitucional promulgada ontem acabou com o veto ao acúmulo de cargos para *esses profissionais* (Folha de S. Paulo, 12 fev. 2014).

Exemplos como esses podem ser usados para se trabalhar a coesão referencial a partir de formas gramaticais e lexicais em sala de aula. Explorando o texto jornalístico, convém refletir que tipo de informações trazem à narrativa as formas lexicais, em comparação com as gramaticais. Realizar exercícios de substituição de expressões nominais por pronomes, por exemplo, possibilita ao aluno compreender o quanto cada termo é responsável pela mensagem que o texto transmite, como será demonstrado a frente, na seção 4.

### **3 Análise de textos jornalísticos em seus elementos coesivos**

Para a atividade a ser proposta na seção seguinte, foram escolhidos dois textos, que tratam da temática da tecnologia e as recentes revelações de espionagens da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos – NSA: a reportagem *Na mira dos EUA*, um trabalho publicado em julho de 2013 no jornal *O Globo*, que venceu o *Prêmio Esso de Jornalismo*, principal premiação do gênero no país; e, de forma complementar, para auxiliar com os debates sobre o tema, a matéria *Quem é Edward Snowden, o ex-agente que vazou documentos secretos dos EUA*, publicada na edição online da revista *Época*, no mesmo ano.

Segundo as notícias, um funcionário da agência – Edward Snowden – resolveu delatar as operações de vigilância do órgão dentro e fora dos EUA, por não concordar com a política invasiva do governo americano, que justificou as ações como medidas antiterrorismo. Ao lado de nações como China, Rússia, Irã e Paquistão, o Brasil foi apontado como um dos alvos do monitoramento. As revelações causaram desconforto entre o presidente dos Estados Unidos e chefes de estado de diversos países, geraram disputas sobre o direito de regulação da internet

no mundo e estimularam governos a implantarem políticas antiespionagem – como é o caso do Brasil, que discute, nas casas legislativas, o Marco Civil da Internet.

Para fornecer subsídios à atividade de sala de aula, esta seção tem como objetivo abordar o emprego dos elementos coesivos nos textos selecionados, oferecendo alguns exemplos para serem usados no trabalho com os alunos. Salienta-se que a análise desenvolvida neste item não será exaustiva: ela quer, principalmente, orientar o trabalho do professor quanto à reflexão sobre os elementos coesivos com os discentes, uma vez que é impossível prever todos os desdobramentos da atividade. Assim, abre-se espaço para novos rumos, conforme a criatividade do professor e o interesse dos estudantes.

### **3.1 EUA espionaram milhões de e-mails e ligações de brasileiros**

Principal texto da atividade, por se tratar de reportagem, tem redação mais rica. Com esse material, é possível explorar de que maneiras os operadores argumentativos e as formas gramaticais e lexicais contribuem para a construção dos sentidos do texto. Quanto aos operadores argumentativos, a redação traz advérbios e locuções adverbiais e conjunções e locuções conjuntivas em abundância, colaborando para a apreensão desses conceitos pelos alunos. Em relação à anáfora, aparecem na reportagem retomadas por formas gramaticais e lexicais, demonstrando como as ideias de um texto podem ser articuladas de formas distintas.

Exemplos:

- 1) A agência passou por transformações na era George W. Bush, *sobretudo* depois dos ataques terroristas em Nova York [...].
- 2) É incerto o número de pessoas e empresas espionadas no Brasil. *Mas* há evidências de que o volume de dados capturados pelo sistema de filtragem nas redes locais de telefonia e internet é constante e em grande escala.
- 3) É o que demonstram *documentos* aos quais O Globo teve acesso. *Eles* foram coletados por Edward Joseph Snowden, técnico em redes de computação.
- 4) [...] a agência desenvolveu *outros programas* com parceiros corporativos capazes de lhe fornecer acesso às comunicações internacionais. *Um deles é o Fairview*, que viabilizou a coleta de dados em redes de comunicação no mundo todo.

Nos exemplos acima, é possível ilustrar as construções textuais presentes na reportagem. Os primeiros dois itens demonstram o emprego de operadores argumentativos: advérbio, em [1]; conjunção, em [2], que conectam ideias estabelecendo relações de ênfase e de contração, respectivamente. Quanto ao fenômeno da anáfora, o texto traz ocorrências de retomada por meio de formas gramaticais, como em [3], e por meio de formas lexicais, como em [4].

### 3.2 Quem é Edward Snowden, o ex-agente que vazou documentos secretos dos EUA

Empregado na atividade de sala de aula de modo complementar, para subsidiar as discussões sobre usos e intenções de uso da internet, esse texto se enquadra melhor como notícia – relato breve sobre um fato: nesse caso, sobre o protagonista de um fato. A escolha de dois textos jornalísticos de subgêneros distintos (notícia e reportagem) também colabora com a abordagem de elementos coesivos, uma vez que abre espaço para uma comparação entre os elementos usados nesses subgêneros, o que desenha as diferenças entre eles a partir de uma perspectiva linguística (pois o jornalismo os distingue de acordo com as técnicas de apuração/construção e com os objetivos de cada um).

Por ser mais breve, há menos ocorrências de elementos coesivos nessa notícia, em comparação com a reportagem. No entanto, as construções se repetem: o emprego dos operadores construtivos e das formas gramaticais e lexicais para a retomada também aqui se fazem presentes.

Exemplos:

- 1) Snowden acredita que nunca mais poderá voltar aos Estados Unidos[...].

*Apesar disso*, o ex-técnico da CIA não se arrepende de ter divulgado a informação classificada como ‘altamente secreta’.

- 2) [...] o especialista em tecnologia Edward Snowden, de 29 anos, encerrou seu trabalho no escritório da Agência Nacional de Segurança [...]. *Depois*, disse aos seus superiores que iria a Hong Kong para cuidar da saúde, já que sofre de epilepsia.

*Mas* o motivo real para deixar o território americano era que ele sabia que precisaria estar longe quando o resultado de suas ações viesse a público.

- 3) [...] *o especialista em tecnologia Edward Snowden*, de 29 anos, encerrou seu trabalho no escritório da Agência Nacional de Segurança [...]. Depois,  $\emptyset$  disse aos seus superiores que  $\emptyset$  iria a Hong Kong para cuidar da saúde, já que  $\emptyset$  sofre de epilepsia. Mas o motivo real para  $\emptyset$  deixar o território americano era que *ele* sabia que precisaria estar longe quando o resultado de suas ações viesse a público[...].

Nesses itens, observa-se o emprego dos operadores argumentativos: em [1], da locução prepositiva *Apesar de*, que liga parágrafos estabelecendo relação de contraposição de ideias; em [2], do advérbio *depois*, conectando períodos, indicando sucessão de eventos, e da conjunção *mas*, estabelecendo a relação de contraposição de ideias entre dois parágrafos. Em [3], o excerto se repete, mas com destaque para o fenômeno de anáfora. Nesse exemplo, os recursos de retomada por formas gramaticais – anáfora zero e anáfora pronominal, respectivamente – evidenciam o uso do recurso em jornalismo e salientam sua importância para a construção da narrativa.

#### **4 Aplicação em sala de aula -- proposta de atividade com textos jornalísticos**

Valendo-se dos resultados das experiências de Naujorks e Sturm (2011) na orientação de trabalhos de iniciação à docência em Letras, este artigo pretende sugerir uma atividade com notícias/reportagens que contemple o estudo da língua no eixo uso → reflexão → uso, de modo que a análise do texto e das estruturas possíveis da linguagem se concretize a partir do próprio texto. Segundo as pesquisadoras, nesse processo, o conhecimento da língua culmina em práticas de linguagem cada vez mais complexas, em conformidade com a realidade de uso da língua.

Desse modo, será desenvolvida, neste item, uma unidade de ensino, de acordo com proposto pelas autoras na obra *Iniciação à docência em Letras*, com o intuito de trabalhar os elementos coesivos em textos jornalísticos. A metodologia a ser empregada, em função do eixo uso → reflexão → uso, busca contemplar os níveis linguístico e extralinguístico e pressupõe atividades que desenvolvam o reconhecimento, a construção e a reflexão de estruturas gramaticais e lexicais. Além disso, objetiva estimular a interação entre realidade e texto, uma vez que cada leitura traz consigo informações sobre situações do mundo, a respeito das quais o aluno tem mais ou menos conhecimento.



Portanto, quanto maior o estímulo a essa interação entre realidade e texto, maiores a compreensão e a atribuição de significados ao texto. Logo, para a produção de escrita e de leitura dos textos selecionados, é desejável sempre o debate a propósito do tema escolhido para subsidiar o desenvolvimento dessa produção. (NAUJORKS, STURM, 2011, p. 14)

A partir dessa perspectiva, corrobora-se a ideia de que o ensino precisa centrar-se na língua em uso, privilegiando-se a prática linguística em si, e não sua metalinguagem. Sobre as atividades de sala de aula, Antunes (2007) argumenta que não basta que as palavras a serem questionadas tenham sido retiradas de um texto para que exista uma análise do texto. Seguindo esse direcionamento, propõe-se que o texto seja analisado no seu gênero, na sua função, nas suas estratégias de composição, na sua distribuição de informações, no seu grau de informatividade, para então chegar-se às suas remissões intertextuais e aos seus recursos de coesão.

#### **4.1 Escolha da temática e dos textos a serem trabalhados**

Para a atividade a ser desenvolvida, conforme indicado na seção anterior, foram escolhidos dois textos que abordam a temática da tecnologia e as recentes revelações de espionagens da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos – NSA. Para trabalhar em sala de aula, o assunto é bastante pertinente, porque, por meio dele, é possível suscitar um debate sobre os propósitos dos usos da internet e sobre a exposição dos indivíduos na rede, antes de iniciar a análise dos elementos coesivos, conforme ensinam Naujorks e Sturm (2011). Como no Brasil, mais de 70% dos jovens (15 a 19 anos) são usuários de internet<sup>7</sup>, o tema é algo que faz parte da realidade do estudante, facilitando o envolvimento dele com a atividade proposta.

#### **4.2 Unidade de ensino: usos e limites da internet e a espionagem governamental**

Seguindo o modelo da obra de Naujorks e Sturm (2011), propõe-se, neste subitem, a unidade de ensino *Usos e limites da internet e a espionagem governamental*. A atividade é

---

<sup>7</sup> Dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, divulgada pelo IBGE em 2013. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2014.

dividida em três partes (objetivos, metodologia e desenvolvimento) e constitui-se em roteiro para orientar o desenvolvimento de um tema em sala de aula – neste caso, elementos coesivos – a partir de textos previamente selecionados pelo professor. A abordagem é bastante ampla e tem o intuito de contemplar o ensino da língua em concordância com a prática linguística, por essa razão, são realizadas discussões sobre os textos antes de realizar a análise propriamente dita.

**Tema:** Usos e limites da internet e a espionagem governamental

### **Objetivos**

Leitura e interpretação de textos; contato com texto jornalístico/informativo; reflexão sobre gênero textual; percepção e reflexão acerca dos elementos coesivos; discussão sobre usos e possibilidades da internet e sobre os papéis dos agentes envolvidos no processo de comunicação virtual: usuários, empresas, governos.

### **Material necessário**

Textos *EUA espionaram milhões de e-mails e ligações de brasileiros*, e *Quem é Edward Snowden, o ex-agente que vazou documentos secretos dos EUA*, ambos em anexo.

### **Desenvolvimento**

Ao abordar a temática dos textos selecionados, inicialmente, propõe-se uma discussão sobre o papel da tecnologia no cotidiano, sobre os usos da internet e sobre suas finalidades. Em um momento de escândalos virtuais, que vão de vazamento de dados bancários, por vulnerabilidades de sistema, a criação de perfis falsos para difamar pessoas, divulgar ideais preconceituosos ou dar golpes em usuários, pode-se traçar um paralelo entre as finalidades com que diferentes indivíduos, empresas e governos utilizam a rede mundial de computadores.

#### ***Introduzindo o tema:***

Antes de distribuir o texto, sugere-se questionar os discentes sobre que usos fazem da internet: que conteúdo/serviços eles acessam, por quanto tempo ficam conectados, que tipo de informação disponibilizam e que cuidados tomam ao navegar. A partir das experiências citadas, o professor entrega os textos e explica que ilustram uma situação da qual muitas

pessoas não têm conhecimento: é possível interceptar dados na rede e empregá-los com os mais diversos fins, sem que as vítimas sequer saibam o que está ocorrendo. É claro que o caso delatado por Snowden é extremo, revelando uma ação de estado duvidosa e questionável, mas o exemplo serve para demonstrar o quanto os usuários estão expostos na internet. E mais: o quanto cada um de nós pode ser responsável pelas informações que os interceptores têm em mãos.

Após a entrega dos materiais e a leitura silenciosa, os alunos são convidados a comentar sobre o caso, dizendo se concordam com a espionagem, se apoiam a atitude de Snowden – justificando a opinião –, visando ao desenvolvimento de suas habilidades argumentativas e ao emprego dos elementos de coesão. Nesse momento, o professor pode anotar os elementos empregados pelos alunos, para, em um momento posterior, usá-los como exemplos durante a conversa sobre coesão textual.

#### ***Iniciando a conversa sobre língua portuguesa:***

Em seguida, buscando trabalhar a língua em seu uso, o docente pede aos estudantes que identifiquem o tipo de linguagem utilizada em ambos os textos e possíveis meios de publicação. Depois, inicia-se uma breve conversa sobre o gênero textual jornalístico. Neste momento, os alunos são questionados a apontarem que funções acreditam que textos como esses podem ter (a exemplo: informar, convencer, indicar um modo de pensar, opinar etc), o que abre caminho para uma discussão sobre papéis dos veículos de comunicação, neutralidade no jornalismo, linha editorial, manipulação de informações etc. A partir das respostas dos alunos, questiona-se sobre as estratégias de composição dos textos: de que maneira podem evidenciar um posicionamento? Como uma notícia deixa claro ao leitor o assunto sobre o qual está tratando? Aqui podem ser lembradas as noções de tópico frasal, relacionando-as com a ideia de composição de textos jornalísticos chamada de pirâmide invertida: os fatos mais importantes – ou aqueles que se quer destacar – vêm sempre antes.

Logo após a comparação entre tópico frasal e pirâmide invertida, pergunta-se aos alunos quais as informações mais importantes das notícias – o que de fato o jornal está noticiando? Qual seu grau de informatividade? É possível que, nesta ocasião, os alunos notem que um dos textos é mais extenso do que outro. Se houver fôlego e se a turma estiver curiosa, o docente pode elucidar rapidamente as diferenças entre notícia (relato sobre um

acontecimento) e reportagem (detalhamento desse acontecimento, com dados que complementam a notícia e ajudam a compreendê-la).

***Elementos coesivos:***

Continuando a atividade, o professor pode introduzir o tema coesão e elementos coesivos. Após explanação sobre o assunto, utilizando como exemplos os termos empregados pelos alunos ao exporem suas opiniões sobre o caso, os estudantes partem para a análise de alguns elementos destacados nos trechos de texto relacionados no apêndice A, ou outros que o professor considerar conveniente. As palavras destacadas nesses exemplos serão usadas para que os alunos possam descrever que papel elas desempenham nos textos, que ligação estabelecem entre as orações, que características possuem, em que gênero textual aparecem com mais frequência etc.

Em alguns casos, o docente pode suprimir os elementos de coesão e questionar sobre a relação que se estabelece entre as ideias. Espera-se que os estudantes ainda consigam observar as relações, mas com maior dificuldade, já que um dos papéis desses termos é o de evidenciá-las. Essa oportunidade também pode ser aproveitada para ressaltar a importância de tais vocábulos para a língua e para elucidar diferenças entre gêneros e tipos textuais.

Ao final dos esclarecimentos, os alunos são divididos em pequenos grupos (de três ou quatro integrantes cada) e recebem, para discussão e análise, dois elementos destacados nos textos. Encerrada a apreciação, os grupos são chamados ao quadro para registrar, em uma lista, as palavras recebidas e para apresentar aos colegas suas conclusões sobre elas. Essa atividade possibilita a reflexão sobre o uso dos elementos coesivos, de maneira independente de sua classificação tradicional, a partir da semântica que acrescentam ao texto. Em seguida, o professor completa a lista do quadro com os exemplos trazidos pelos alunos durante o debate inicial, pede para explicarem de que forma ajudam a construir o sentido de um texto e para indicarem situações de emprego dos termos.

Por fim, é possível criar um quadro de elementos coesivos, organizados de acordo com a função que exercem nos textos. Com essa atividade, espera-se desenvolver nos alunos a capacidade de compreensão sobre esses termos e a competência de empregá-los conforme a semântica textual, esclarecendo que há palavras adequadas a cada situação, ligando ideias a

partir do sentido que se pretende obter: prioridade, relevância, tempo, comparação, condição, adição, dúvida etc.

### ***Produção textual:***

Terminada a reflexão sobre coesão, propõe-se aos alunos que relatem, por meio de textos, as atividades que realizam na internet e que comentem se já foram vítimas de roubo de dados, se conhecem casos do tipo (como por exemplo, acesso a contas bancárias, a e-mails pessoais, ou a perfis em redes sociais); depois, opinem sobre que razões acreditam mover quem pratica tais atos pela internet e que tipos de medidas de segurança os usuários podem tomar. Com o exercício, a partir de um caso notório e de repercussão internacional, espera-se que os estudantes percebam o quanto esse tipo de situação está bem próximo de cada um de nós – respeitadas as proporções, é claro – e reflitam sobre que medidas os internautas podem tomar para evitar que ocorram.

Inserindo no exercício a conversa sobre coesão textual – já que o principal objetivo do trabalho em sala de aula é, de forma contextualizada, abordar essa temática –, também será determinado aos discentes que utilizem os elementos coesivos adequados à ligação das ideias que estão expondo em seus relatos. Com a atividade, é possível avaliar a aprendizagem da turma sobre o tema e retomar o assunto (caso os estudantes não tenham compreendido a matéria suficientemente) ou seguir para outro conteúdo (se os resultados forem satisfatórios).

## **Considerações Finais**

Ao suscitar as possibilidades de uso de textos jornalísticos no ensino de LP e sugerir uma atividade que emprega textos jornalísticos para a abordagem da coesão textual, espera-se que este trabalho ajude a despertar a atenção dos professores para a utilidade do jornalismo em sala de aula. De um amplo leque de alternativas, este artigo abordou especificamente operadores argumentativos e coesão referencial, dentre inúmeros temas possíveis – alguns deles brevemente mencionados no início do trabalho –, com o intuito de exemplificar a perspectiva defendida ao longo do texto.

Ao articular o uso de notícias e reportagens com a proposta de atividade conforme os moldes de Naujorks e Sturm (2011), acredita-se abrir espaços para narrativas mais próximas

da realidade dos alunos, não querendo ocupar o lugar do texto literário, mas buscando inserir no ambiente escolar as demais práticas de leitura, de modo a refletir os tipos e suportes encontrados no ambiente social do estudante, principalmente no que diz respeito aos gêneros informativos, com o objetivo de facilitar a aprendizagem de língua portuguesa.

Ressalta-se que, por sua estrutura simplificada, conforme demonstrado ao longo deste artigo, os textos jornalísticos apresentam grande valor para a **introdução** de certos conceitos linguísticos. No entanto, como a escola deve habilitar o aluno para a leitura e a compreensão das mais complexas estruturas da língua, uma abordagem centrada unicamente nesse tipo de redação é inadequada. É importante que trilha a ser percorrida pelo estudante não se inicie pelas etapas mais complexas (razão pela qual o uso de notícias é oportuno), mas é igualmente inapropriado que, durante sua jornada, não haja uma crescente evolução estimulada a partir da gradual inserção dos demais gêneros textuais no processo de aprendizagem.

Em relação às possibilidades de aproveitamento deste artigo pela comunidade – tanto acadêmica quanto docente – espera-se que o estudo iniciado aqui não se esgote nele mesmo: um trabalho acadêmico não deve ter esse objetivo. A pretensão da autora é a de contribuir para que as práticas escolares se renovem, de forma a facilitar a aprendizagem discente; e a de possibilitar a apropriação deste material pelo professor, público-alvo destes escritos, para que se deem novos rumos às aulas de língua portuguesa.

Vale reiterar que o objetivo principal deste trabalho é o de chamar a atenção sobre o quanto a construção jornalística se presta à abordagem de certos temas em Língua Portuguesa. Para indicar um caminho possível ou, até mesmo, testar a viabilidade da hipótese aqui levantada, é necessário um diálogo mais íntimo entre academia e escola, que envolva consulta a professores, elaboração de planos de aula e aplicação de instrumentos de pesquisa com os alunos, entre outros.

## **Referências**

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009. 704p.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da gramática: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 166 p.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática. 104p.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação**. São Paulo, Publifolha: 2006. 391p.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997. 88p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2012. 118p.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro, Elsevier: 2005. 188p.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Moderna. 1997. 400p.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009. 153p.

NAUJORKS, Jane. STURM, Ingrid. **Iniciação à docência em Letras: experiências**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **A anáfora e a tessitura do texto**. Pará de Minas: Virtual Books, 2003. 77p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto: 2001. 542p. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>.